

O papel da gramática nas aulas de Língua Portuguesa: resultados de um breve inquérito

Adriana Kirsch Schilling

Acadêmica de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –Pibid. adriks@bol.com.br

Liana Suelen Lamarques da Costa

Acadêmica de Letras das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –Pibid. lianalamarques@gmail.com

Luciane Maria Wagner Raupp

Doutora em Letras – Teoria da Literatura. Professora das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat. Coordenadora da área de Letras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –Pibid. lucianeraupp@gmail.com

Resumo

A gramática da Língua Portuguesa apresenta um padrão que deve ser seguido pelas pessoas para que possam se expressar, quando necessário, no chamado nível culto ou erudito da linguagem, requisito necessário para algumas situações comunicativas. Trata-se de um tema importante que necessita ser abordado nas salas de aula e transmitido aos discentes. No entanto o seu ensino estanque, sem a aplicação em um texto ou em frases, não faz sentido ser desenvolvido com os alunos nas aulas dessa disciplina, já que não fará sentido algum para a vida desse indivíduo. Para averiguar se tais métodos são aplicados em sala de aula nos dias atuais, foi realizada uma pesquisa com os docentes que trabalham na área da linguagem. As respostas dos professores são comparadas com o pensamento de teóricos para averiguar se o professor costuma desenvolver os conteúdos de gramática de um modo tradicional ou de acordo com a realidade de seus alunos, o que gera, dessa maneira, seres pensantes e críticos, e não apenas uma reprodução do que já está nos livros.

Palavras-chave: Ensino da gramática. Metodologia do ensino.

1 Considerações iniciais

Na formação inicial de professores, de modo geral, um dos maiores desafios constitui-se no rompimento com as fórmulas educacionais às quais os próprios licenciandos foram submetidos enquanto alunos de Educação Básica. Uma vez que nem sempre esses métodos foram ou são os mais adequados, construir novos parâmetros sobre os quais se alicerçarão as suas futuras práticas pedagógicas é tarefa não só das aulas das disciplinas da graduação, mas especialmente dos encontros de formação e das experiências do Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

No que se refere especialmente à licenciatura em Letras, entre muitos desses desafios, um deles corresponde ao ensino da gramática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, tema sobre o qual muitos equívocos e controvérsias já surgiram. Houve épocas em que o ensino de Língua Materna resumia-se à memorização e à aplicação em exercícios descontextualizados de regras da gramática normativa, práticas que até hoje ainda perduram. De outro lado, houve (e há) aqueles professores que descartam todas e quaisquer regras ou nomenclaturas gramaticais, trabalhando apenas a leitura e a produção de textos, sem reescritas ou reflexões sobre os fenômenos linguísticos.

No sentido não apenas de encontrar um equilíbrio entre essas práticas extremadas, mas de fazer com que as aulas de língua materna promovam o desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas que levem o aluno a transitar com competência entre seus múltiplos papéis como indivíduo, cidadão e profissional, surgem as perguntas: por que precisamos de aulas de Língua Portuguesa se somos falantes nativos? Precisamos da gramática? Por quê? Qual seria a metodologia mais adequada a ser usada nessas aulas? Como essas aulas ocorrem hoje nas escolas de Educação Básica?

Para responder a essas questões, além de uma revisão teórica, também partimos para uma pesquisa de campo. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, feita a partir de um questionário composto por seis questões estruturadas, aplicadas com seis professores de Língua Portuguesa de seis escolas do município de Taquara – RS. Por meio dele, buscou-se saber como os professores trabalham a gramática em suas aulas e qual o papel dela na disciplina de Português.

2 Por uma metodologia ativa e significativa nas aulas de LP

À luz do que afirma Antunes (2003), partimos do pressuposto de que as aulas de Língua Materna devam ser momentos de desenvolver competências e habilidades ligadas aos

atos de ler, escrever, ouvir e falar. Dessa maneira, fica evidente uma metodologia voltada ao uso da língua, concretizado na exploração de diferentes gêneros textuais orais e escritos.

Para que essa exploração dos gêneros se dê de forma eficaz, promovendo práticas nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura que sejam significativas e contribuam para o desenvolvimento linguístico dos alunos, é também necessário que, além das especificidades macrotextuais e contextuais dos gêneros, considerem-se as questões microtextuais. Entre essas, destacam-se, a título de exemplo, o uso dos tempos verbais, as substituições lexicais, as pronominalizações e o padrão vocabular exigido em determinados contextos. Isso significa que é necessário, sim, que certas questões gramaticais sejam estudadas em sala de aula. O problema reside na seleção dos conteúdos gramaticais e na adoção de práticas reflexivas, que levem o aluno a pensar sobre a língua em uso.

Nesse sentido, as práticas de ensino de língua materna devem direcionar-se para o uso e para a prática da análise linguística, promovendo “[...] reflexão sobre a língua e a linguagem” (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 75). Dessa forma, as práticas pedagógicas farão com que os alunos

[...] construam um conjunto de conhecimentos sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos, apropriem-se de instrumentos procedimentais e conceituais necessários para a análise/ reflexão linguística e reconheçam as especificidades das variedades do português (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 75).

Há que se considerar, contudo, na organização dessa construção docente e discente, que o aluno traz consigo uma bagagem cultural e linguística que deverá ser ampliada e lapidada, no sentido de poder ter livre trânsito nos diferentes ambientes sociais e nas diversas atividades que desempenha ou poderá vir a desempenhar em sua vida, exercendo com plenitude sua cidadania. É, portanto, obrigação da escola ampliar esse leque de possibilidades de vida, expandido os horizontes e perspectivas. É direito, pois, do aluno ter acesso a chamada “cultura letrada” e obrigação da escola proporcionar-lhe tal acesso, cuidando, porém, para que não se disseminem preconceitos linguísticos.

2.1 Aulas de língua materna: aulas de pensar o idioma

Tendo em vista esse papel da escola de dar acesso ao que se considera “língua padrão”, o professor de língua materna, ao se deparar com uma listagem de conteúdos previstos para aquela série ou ano que lhe foi destinada, precisa dar o enfoque da língua em uso

e do ensinar a pensar. Além disso, precisa ter claro, em seu horizonte metodológico, qual é o aluno que quer ajudar a formar. Para isso, deverá considerar as especificidades do objeto de ensino, ou seja, as particularidades da língua e da contemporaneidade, e os multiletramentos nos quais suas práticas estão engajadas, articulando-se não só com seus alunos e contextos, mas com os diferentes modos atuais de ler, de aprender, de informar(-se), nas mais distintas plataformas de informação.

Nesse contexto, ensinar a pensar sobre a linguagem utilizada é tirar o aluno do “piloto automático” em suas práticas languageiras. Desse modo, o ponto de partida para os estudos gramaticais deve ser o texto, com problematizações reais, e não apenas como pretexto para as aulas de gramática, simplesmente trocando os exercícios automatizados de frases por frases retiradas de textos. Mais do que isso, é em função do que se observa no texto — e nas produções textuais dos alunos também — que se vai “[...] recorrendo às determinações gramaticais, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários” (ANTUNES, 2003, p. 110). Essa ativação de noções e de saberes gramaticais deve ser conduzida pelos professores de modo que, pela observação das constâncias, das regularidades e também das exceções, os alunos façam suas análises e sistematizem os conhecimentos produzidos. Não se trata, pois, de despejar sobre os alunos noções prontas para que eles as enquadrem nos estudos dos textos: é justamente do movimento contrário que estamos falando.

O professor, no entanto, deve ficar atento para que as práticas que planejar não se resumam ao ensino prescritivo da língua, no qual o aluno é levado simplesmente “[...] a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis” (TRAVAGLIA, 2009, p. 38). Não se pode negar que tais práticas podem levar ao domínio da língua padrão e da variedade escrita da língua, mas não ensina como a linguagem funciona e também pode ser fator de geração de preconceitos linguísticos, se usado puramente, sem a conjugação com um ensino descritivo e um ensino produtivo.

No ensino descritivo, o professor parte daquilo que o aluno, como falante nativo, já conhece da língua materna para ampliar seus conhecimentos. Desse modo, estará a serviço de

a) levar o aluno ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura, seu funcionamento, sua forma e função;

b) ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade (TRAVAGLIA, 2009, p. 39).

Na direção de um ensino de gramática que leve o aluno a pensar, como no descritivo, e a adquirir novas habilidades linguísticas, está o chamado ensino produtivo, que pretende “[...] ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente” (Idem, p. 39). Essa maneira mais eficiente vai ao encontro não de simplesmente alterar os conhecimentos que o aluno já possui, mas de “[...] aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas” (HALLIDAY; MCINTOSH; STEVENS, 1974, p. 276 *apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 39-40).

Dessa forma, muito mais do que prescrever e descrever, o ensino da gramática deve visar à reflexão, fazendo com que o aluno esteja preparado para o livre trânsito em diferentes ambientes sociais, munido das competências linguísticas para tanto, levando em consideração, entre outros fatores, as variedades linguísticas.

3 Como são desenvolvidas as aulas de Língua Portuguesa hoje? Relatos de um breve inquérito

A gramática da Língua Portuguesa é item obrigatório nos planos de estudos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Porém, o trabalho realizado com ela deve ser de maneira adequada e satisfatória para que assim faça sentido na vida dos estudantes. Como bolsistas de iniciação à docência, participantes do Pibid do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara, a fim de investigar como a gramática é trabalhada em sala de aula nas escolas em que se insere o projeto, realizou-se uma pesquisa com seis professores da rede pública de ensino do município de Taquara, questionando os docentes sobre seu posicionamento em relação ao assunto.

Então, realizou-se uma pesquisa de campo na qual se aplicou um questionário contendo seis perguntas relacionadas às práticas docentes dos professores de Língua Portuguesa. Após a aplicação desses questionários, fez-se uma análise das respostas dos professores entrevistados para verificar como a gramática é trabalhada nas aulas de Português.

A primeira pergunta do questionário solicitava que os professores respondessem o tempo que lecionavam com disciplina de Língua Portuguesa. Entre os seis entrevistados, dois disseram que trabalham em torno de dez anos com a disciplina, um há cinco anos, um há três, uma professora com quinze anos de experiência na profissão e um professor que trabalha há apenas três meses na área.

Em relação à segunda pergunta, em que foi solicitado que os professores respondessem a respeito da diferença de metodologia do professor tradicional e do professor construtivista, todos os entrevistados responderam que o professor construtivista é aquele que faz uma reflexão com os seus alunos, buscando novos meios de trabalhar os conteúdos e de forma diversificada. Já sobre a metodologia do professor tradicional, todos também responderam que as aulas são apenas conteudistas, nas quais o professor utiliza sempre os mesmos métodos de ensino, o que não resulta em aulas eficazes e com propósitos claros.

Na pergunta número três, os entrevistados foram questionados se os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, estão preparados para mediar o ensino da gramática de forma proveitosa e atrativa para os alunos. Dos seis entrevistados, nenhum respondeu que os professores, de um modo geral, estão totalmente preparados para essa mediação. Um entrevistado respondeu que os professores tentam planejar aulas diversificadas, porém não conseguem, pois muitas vezes, não estão preparados para trabalhar com turmas numerosas e casos de inclusão e de adaptação curricular. Um respondeu que há bons exemplos, mas acredita haver certo comodismo por parte dos professores que veem a gramática como um meio mais simples de dar aula ou, simplesmente, não conseguem conduzir a aula de uma outra maneira. Dois professores responderam que pouquíssimos docentes estão preparados para trabalhar a gramática com os alunos de uma maneira mais eficaz. Um professor acredita que alguns docentes priorizam o ensino da gramática de forma isolada do texto, sendo assim, uma maneira não apropriada de se abordar nas aulas. Um dos entrevistados respondeu que os professores deveriam ser mais instruídos no ensino superior a abordar a gramática de forma satisfatória nas aulas Língua Portuguesa.

De acordo com a questão quatro, em relação aos conteúdos gramaticais exigidos pelos Planos de Estudo para alunos das séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, se são necessários e proveitosos para o desenvolvimento de habilidades e de competências na leitura e na escrita dos alunos, cinco entrevistados responderam que sim, que são importantes. Apenas um dos professores respondeu que a gramática deve ser conteúdo auxiliar no ensino, que se deve priorizar a leitura, a interpretação e a produção textual, com o auxílio da gramática.

A questão número cinco questionava a maneira como os professores trabalhavam a gramática em sala de aula. Quatro professores responderam que trabalham a gramática a partir do texto, nas produções textuais. Entre eles, um trabalha além da gramática, partindo do texto, com exercícios de fixação sobre determinados conteúdos. Um professor respondeu que aborda a gramática a partir de dúvidas dos alunos durante a correção das interpretações

textuais. Um professor, que trabalha há três meses como docente, diz nunca ter trabalhado a gramática em sala de aula.

Na última pergunta, foi questionado qual seria o papel da gramática, partindo do pressuposto de que as aulas de Língua Portuguesa desenvolvem a língua, a escrita, a fala e a audição. Quatro entrevistados responderam que o papel da gramática é de estabelecer “ordem” na comunicação, um padrão para a escrita que se preocupa com a forma culta. Esses quatro professores, portanto, ressaltam o papel prescritivo do ensino da gramática. Dois professores responderam que a gramática tem a função de possibilitar a melhora nas habilidades comunicativas dos alunos, na percepção de mundo, ou seja, tudo o que necessitam para as diferentes situações do dia a dia. Essas duas repostas, portanto, acenam com a possibilidade do chamado ensino produtivo da gramática

4 Considerações finais

Dessa forma, a partir dos estudos teóricos e das pesquisas realizadas, percebe-se que o ensino da Língua Materna deve desenvolver competências e habilidades ligadas aos atos de ler, escrever, ouvir e falar. Por mais que o discente seja falante nativo da língua, uma metodologia eficaz, voltada para o uso da língua e para a perspectiva do chamado ensino produtivo da gramática (TRAVAGLIA, 2009), contribui para o desenvolvimento de diversas habilidades e competências dos alunos. Isso porque os conteúdos gramaticais, se trabalhados de forma a fazer o aluno pensar sobre a língua e linguagem, formam cidadãos e leitores críticos, problematizando e desencadeando situações favoráveis para o desenvolvimento linguístico.

Percebe-se que o professor deve se mostre claro em seu horizonte metodológico, tendo em mente que tipo de aluno ele quer ajudar formar, não resumindo o ensino da língua em padrões aceitáveis ou não aceitáveis, mas levando o discente ao conhecimento da instituição social que a língua apresenta, desfazendo o preconceito linguístico existente, apresentando sua estrutura, seu funcionamento, sua forma e função. Dessa forma, incentivará a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e sociedade.

Nota-se, pelas entrevistas, que os atuais docentes têm em mente a importância de uma metodologia ativa em sala de aula, mostrando-se mediadores não só de conhecimentos específicos, como a gramática (que é importante para a normatização da linguagem), mas também um instigador, desenvolvendo o ensino de forma proveitosa e atrativa para o aluno.

Referências

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. P. 107-153.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.